



Pelas ruas do Bixiga: relações entre o espaço construído e as dinâmicas sociais.

André Spina Adeodato de Souza 

Graduando em Arquitetura e Urbanismo na FAUUSP

Email: andre.spina@usp.br

Gabriela Martins Miranda 

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na FAUUSP

Email: gabrielamiranda@usp.br

Resumo

Este ensaio etnográfico propõe-se a analisar as relações entre o espaço construído e as dinâmicas sociais no bairro do Bixiga. Motivadas pelo “Cortejo Viva o Bixiga”, promovido pelo Sesc 14 Bis, foram realizadas duas incursões que seguiram o trajeto do cortejo: uma no dia do evento e outra no fim de semana seguinte. A partir da mobilização de trechos dos relatos produzidos pelos dois autores, procura-se reconstruir o percurso, apontando as características de uso e ocupação do solo, bem como as diferentes dinâmicas sociais e configurações espaciais observadas, a fim de produzir uma análise que relacione esses elementos em momentos distintos.

Palavras-chave: Bixiga, espaço construído, etnografia coletiva, dinâmicas sociais, São Paulo

On Bixiga streets: connections between the built environment and social dynamics

Abstract

This ethnographic essay intends to analyse the connection between the built environment and social dynamics at Bixiga neighbourhood, in São Paulo. Moved by “Cortejo Viva Bixiga”, event promoted by Sesc 14 Bis, two incursions were made following the parade’s route: one on the day of the event and another on the following weekend. Using excerpts from the reports written by the two authors, the text intends to reconstruct the path, pointing out the characteristics of land use and occupation, as well as the different social dynamics and spacial organization seen, in order to produce an analysis that relates these elements at different times.

Keywords: Bixiga, built environment, collective ethnography, social dynamics, São Paulo

Introdução

O Sesc 14 Bis, equipamento cultural inaugurado recentemente, promoveu, no domingo 26 de novembro de 2023, o “Cortejo Viva o Bixiga”. A nova unidade do Sesc-SP configura-se como um equipamento de alcance metropolitano, ao mesmo tempo em que se coloca um novo financiador e anfitrião de atividades realizadas e promovidas pelos coletivos e grupos do Bixiga. Nesse sentido, estabelece uma conexão com o território imediato e, paralelamente, com o circuito formado pelas unidades do Sesc - SP. (Magnani, 2002)

O evento em questão buscou concentrar grupos e coletivos distintos, parte daquele território, em um trajeto que começou sob o Viaduto Júlio de Mesquita Filho e terminou no próprio Sesc. Sabendo disso, a monitora da disciplina FLA 0376 “Tópicos de Antropologia Urbana” sugeriu uma incursão etnográfica que acompanhasse o cortejo.

A partir da experiência de campo coletiva, dos relatos produzidos pelos autores deste ensaio, e das discussões sobre a incursão, alguns aspectos chamaram atenção. Os dois principais pontos levantados foram a relação entre as diferentes configurações do espaço e as dinâmicas observadas, bem como a excepcionalidade do evento e o desejo de compreender as dinâmicas, dentro desse mesmo trajeto, em um dia comum. Para tanto, foi feita outra incursão, percorrendo o mesmo trajeto, em um sábado, dia 2 de dezembro de 2023.

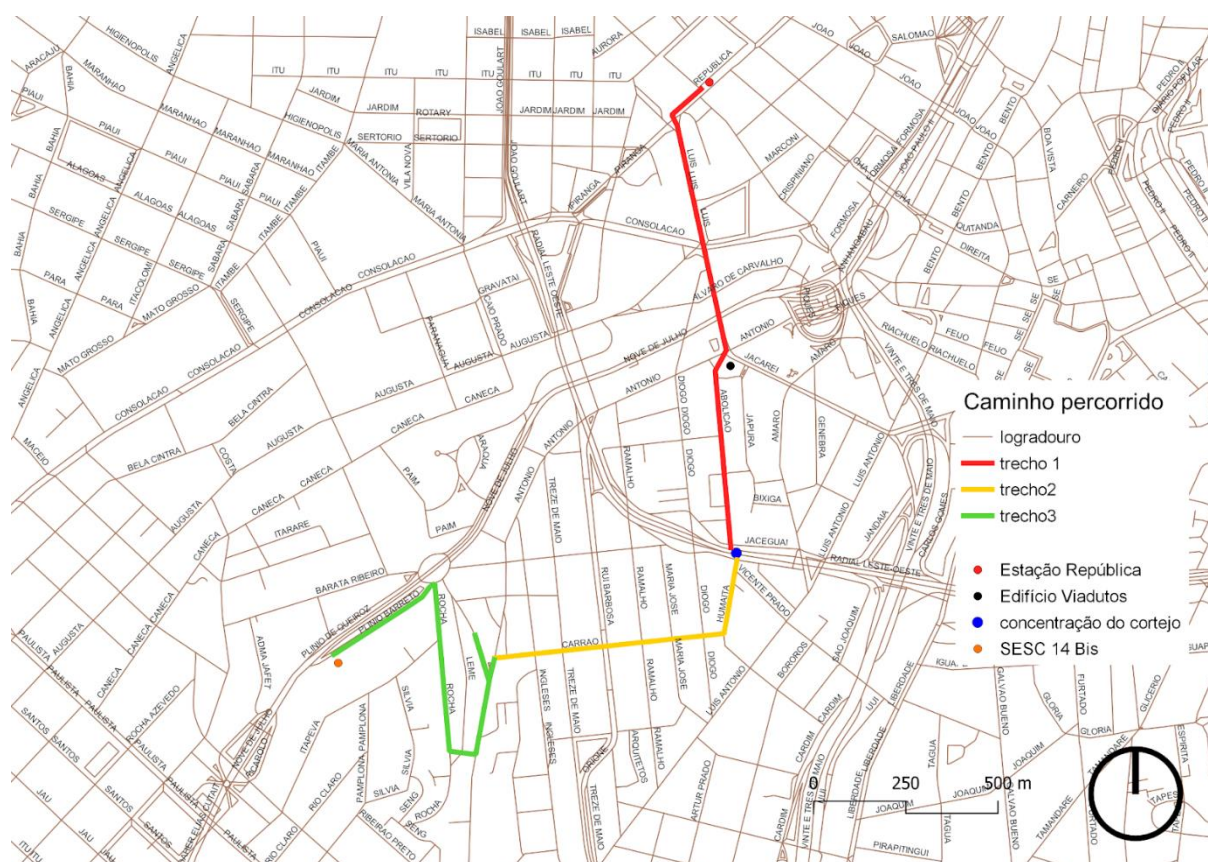


Figura 1: Mapa do trajeto percorrido nas incursões etnográficas, com divisão proposta dos trechos. Fonte: Elaboração própria. Dados: SMUL

Com base nas observações realizadas durante as incursões etnográficas, pretende-se analisar a relação das características de uso e ocupação do solo com as dinâmicas sociais e de apropriação do espaço público ao longo do trajeto. Para fins de análise, sobretudo por se tratar de um trajeto heterogêneo - espacial e socialmente -, fez-se necessário dividir o percurso em três trechos. O primeiro trecho vai da Estação República até o Viaduto Júlio de Mesquita Filho, o segundo, do mesmo viaduto até o fim da Rua Conselheiro Carrão e, o terceiro, deste ponto até o Sesc 14 Bis. Ademais, para a construção do texto, foram mobilizados trechos dos relatos produzidos, que estão identificados, no fim da citação, com as iniciais de cada autor (A e G) e a data da incursão, entremeados por análises desenvolvidas posteriormente.

Trecho 1

O primeiro trecho da caminhada, partindo do metrô, marcou a entrada no bairro Bixiga.

Ao longo do trajeto a pé [...] revelaram-se camadas de um cenário heterogêneo: até o Edifício Viadutos [...] a paisagem era marcada por prédios grandes e ruas largas (...) Nesse mesmo trecho, as pessoas que topei estavam, como eu, de passagem, indo a algum lugar, ou sentadas na praça (que fica em frente ao Edifício). (G, 26/11)

Passado o Edifício Viadutos,

[...] a paisagem começa a mudar. Os prédios, até então altos, passam a dar espaço a pequenos prédios, alguns sobrados e casas geminadas antigas, algumas sem recuo e aparentemente ocupadas por cortiços. Nessa rua, de trânsito local, existem alguns bares e pequenos comércios. (A, 26/11)

Aqui, além de pessoas de passagem, observam-se também pessoas nas portas de suas casas e comércios, com ressalva a uma menina de aproximadamente 6 anos sentada na porta de um brechó de Igreja pintando sua unha e, 4 casas adiante, um idoso sentado na porta de casa enquanto fuma um cigarro. (G, 26/11)

Uma semana depois, na segunda ida a campo, algumas dinâmicas se mantiveram, ainda que adicionadas observações e alterados contextos.

Ao longo da Avenida São Luís, o movimento estava mais intenso que na última incursão. A maior parte dos passantes parecia de folga, mas algumas pessoas usavam crachás e pareciam estar em horário de almoço do trabalho. (A, 02/12)

Depois do Ed. Viadutos a situação muda significativamente. A quantidade de pessoas diminui, há poucas pessoas de passagem. Por se tratar de um espaço em que as casas/comércios têm suas portas dando direto para a calçada, chama atenção quem fica nesse limiar entre o espaço privado e público, ou mesmo dentro dos comércios (lojas e restaurantes). Logo no início da rua um homem [de idade] sentado na porta do cabeleireiro enquanto, dentro, outros homens conversavam [...] (G, 02/12)

À nossa frente, uma mulher [de uns 30 anos] parecia voltar de alguma compra acompanhada de três crianças. [...] Do outro lado da rua vi uma pequena venda de frutas e legumes e um outro comércio, em que algumas mulheres estavam na soleira conversando, uma delas fumando. [...] Dessa vez havia mais bares funcionando, pessoas ouvindo música e almoçando. Havia mais movimento nessa rua do que na visita anterior. (A, 02/12)

Observa-se, nesse trecho do trajeto, uma relação direta entre o espaço construído e as dinâmicas sociais que se desdobram. Até o Edifício - nos dois relatos tido como um marco de transição da paisagem - os prédios estabelecem uma relação de afastamento com a rua, à exceção dos casos de comércio no térreo. Paralelamente, a ocupação das calçadas é majoritariamente de passagem.

Do Edifício ao Teatro Oficina, a proximidade das casas entre si e as portas direto na calçada estabelecem um outro tipo de ocupação da rua e dos comércios, caracterizada por uma dinâmica de bairro. As pessoas, nesse espaço, ocupam a soleira para afazeres cotidianos: seja uma conversa breve em frente ao comércio, uma pausa para fumar ou observar o fluxo da rua. O movimento, em contraposição ao cenário anterior, não é volumoso e frenético; o que prevalece é a ocupação da calçada imediatamente em frente aos lotes enquanto uma extensão do espaço privado.

Ainda que o Teatro Oficina não tenha sido um ponto do trajeto, é importante compreendê-lo a partir de seu alcance na cidade de São Paulo e dos recentes acontecimentos. O Teatro é um equipamento cultural de importância nacional, pelo pioneirismo e posição de destaque que a companhia encabeçada por Zé Celso Martinez ocupa. Soma-se a isso a disputa de anos entre a Companhia - que defende a construção do Parque do Bixiga no entorno do Teatro - e o Grupo Silvio Santos - que, além de proprietário da maior parte do quarteirão, defende a construção de um shopping no local. As primeiras votações na Câmara favoráveis à construção do parque, que sucederam a morte de Zé Celso, não só deram evidência ao Teatro, como também potencializaram seu caráter mobilizador. Nesse sentido, todas as pautas que tangenciam o Oficina permearam sua presença no evento.

Seguindo no trajeto, chega-se à concentração do cortejo, que ocorreu nas proximidades do Teatro, sob o Viaduto Júlio de Mesquita Filho.

Na entrada passamos por um portão de grade que dava em um pátio. De um lado do pátio havia banheiros e, do outro, construções de alvenaria com pinturas diferentes e coloridas para cada pedaço. Me parecia que cada uma dessas “casinhas” pertencia a um coletivo diferente que usava o espaço. Identifiquei nessas pinturas referências à Bateria 013 e ao Arena Bela Vista Futebol Clube. Na parede da construção que abrigava os banheiros havia um grafite na forma do estado de São Paulo. [...] Nesse pátio, além desses dois blocos de construção havia um brinquedão de madeira e duas arquibancadas voltadas para o campo de futebol, que ficava de um dos lados do pátio. (A, 26/11)

[...] No campo, homens divididos em coletes amarelo e laranja jogavam futebol e algumas crianças assistiam sentadas numa arquibancada; na quadra, a bateria 013 ensaiava; e no meio disso, uma concentração de atores do Oficina, filhos e agregados, que se cumprimentavam, conversavam e organizavam a saída do cortejo - todos do teatro pareciam se conhecer, inclusive as crianças, que estavam brincando entre si ou interagindo com outros adultos. (G, 26/11)

Sobretudo devido à centralidade que o viaduto ocupou no primeiro dia de campo, fez-se importante observar novamente esse espaço.

Entramos por um lugar diferente do que tínhamos entrado na semana passada, principalmente porque meu colega se interessou pelas placas “Box Mineiro” e “Sacolão Bela Vista”. (G, 02/12)

Fui então ver como eram esses estabelecimentos. Havia um pequeno pátio com dois comércios abertos: o Box Mineiro - onde vendiam produtos de Minas - e um outro box onde algumas pessoas almoçavam. Havia também o acesso ao sacolão que era relativamente grande e organizado, mas estava um pouco vazio. (A, 02/12)

Voltando à área do viaduto que já tínhamos ido, observamos uma ocupação diferente da de domingo passado - mais parada. Na quadra, dois meninos batiam bola, sozinhos e separados. No pátio - onde tinha ocorrido a concentração - algumas pessoas [de idades variadas,] com blusa da Bateria 013, conversavam e tocavam banjo. No campo, quatro crianças jogavam juntas. Quando volto para ver os homens da 013 que estavam tocando e para seguir o caminho, vejo uma mulher - a mesma passista da Vai-Vai que estava no cortejo - indo de encontro ao grupo. (G, 02/12)

O viaduto é um elemento rígido que rasga o bairro e, à primeira vista, parece romper com a dinâmica de ocupação da região. Entretanto, observa-se sob o elevado apropriações e usos que lhe dão um novo caráter, de maneira que sua presença se torna crucial para garantir e abrigar aquele espaço. A partir do aproveitamento da cobertura, formada pelo viaduto, desenvolvem-se ambientes de lazer, concentração e comércio, utilizados pelos moradores do Bairro. Observa-se, assim, que este local se apresenta como uma centralidade importante, marcada pelo encontro de grupos: tal como no primeiro dia de campo o espaço foi usado como um ponto de concentração, aglutinando os coletivos que fariam parte do cortejo e o time de futebol que disputava a partida; no segundo dia de campo observou-se uma concentração de componentes da Bateria 013. É importante ressaltar, contudo, que os grupos observados naquele espaço ocupavam enquanto coletivos, de maneira simultânea, mas isolados entre si. Por exemplo, no primeiro dia, estavam presentes os jogadores de futebol, os atores do Teatro Oficina, e os músicos da Bateria 013; apesar das interações necessárias para a organização do evento, havia um distanciamento entre esses blocos de pessoas.

Essa ocupação do viaduto, que o coloca como um equipamento aglutinador de grupos, parece ter muita relação com a forma como o espaço é organizado no entorno. As casas e comércios próximos à rua facilitam sua apropriação e uso, visto que ao mesmo tempo em que estão no mesmo nível (de altura), também estão aproximados pelo fácil acesso. A concentração de equipamentos - de comércio e lazer - assim como a relação com o entorno e coletivos locais, aproximam o viaduto à noção de “mancha”. Trata-se, sobretudo, de um ponto de referência, central à concentração de grupos e à viabilização de atividades coletivas e individuais. (Magnani, 2002: 22).

Trecho 2

No segundo trecho, logo que o cortejo começou a andar, na Rua Humaitá, foi possível observar os aspectos do entorno e as reações à sua passagem.

As ruas em que primeiro passou o cortejo eram bastante residenciais, uma mistura de pequenos prédios, lojas com sobrelojas, casinhas e cortiços. Conforme o cortejo seguia,

os moradores apareciam nas janelas, garagens, portões ou quintais para observá-lo passar. A maior parte deles parecia gostar, mas estava surpresa e sem saber do que se tratava. (A, 26/11)

No cruzamento entre a Rua Conselheiro Carrão e a Rua Maria José,

“[...] havia alguns bares e restaurantes mais movimentados, em que pessoas comiam na calçada e pareciam felizes com a passagem do cortejo.” (A, 26/11)

Na esquina com a Rua Rui Barbosa, em frente ao Al Jannah, mais alguns coletivos se juntaram ao cortejo. Esse ponto foi provavelmente onde o maior grupo apareceu. (X, 26/11) [...] Bloco Yayá Mirim, Salve Saracura, Bateria Bela Brisa, Bloco do Fuá, Bloco Carnavalesco Dona Yayá, Kolombolo Diá Piratininga. (G, 26/11)

Conforme o cortejo aproxima-se da Rua Treze de Maio, os tipos de comércio e ocupação mudam:

[...] os bares e restaurantes locais são substituídos por bares e restaurantes com aspecto mais caro, muitos deles italianos. As pessoas nas calçadas dos restaurantes aparentam gostar da passagem do cortejo, mas não parecem moradoras do bairro, e sim pessoas atraídas pelas cantinas. (A, 26/11)

Já no segundo dia, na Rua Humaitá,

[...] um casal de idosos - segurando uma sacola de comida - entrou por uma portinha. Pouco depois um grupo de mais ou menos 20 idosos se aproximou e perguntamos se haveria algum evento. A senhora nos disse que estavam todos indo ao centro espírita, levando comidas para comemorar os 50 anos do centro. (G, 02/12)

Na esquina entre a Rua Conselheiro Carrão e a Rua Maria José,

[...] um homem colocava faixa de “Via Interditada devido a evento da comunidade Maria José”. Do outro lado da rua uma mulher grita ao homem colocando a faixa, e eles se cumprimentam. Perguntamos, então, o que iria acontecer na rua. Ele disse que seria uma “honk”, uma festa de fanfarra, com instrumentos de metais e músicas brasileiras. (G, 02/12)

Era uma festividade proposta pela “Honk SP” que seguia um calendário de apresentações por bairros de São Paulo, não se restringindo à Rua Maria José.

Na esquina com a Rua Treze de Maio, apesar do menor movimento, notou-se

[...] que num pequeno bar com uma plaquinha da 51, algumas pessoas [de idades variadas] com camisas da Vai-Vai estavam se juntando e carregando instrumentos. Voltei para rua Conselheiro Carrão e notei muitas mães com seus filhos carregando um saco vermelho com brinquedos. Algumas delas estavam com uma caixa branca estampada com uma árvore de Natal. Segui então o contrafluxo dessas pessoas, virando na Rua Doutor Luís Barreto e chegando até as Obras Sociais Nossa Senhora Achirópita, onde parecia haver distribuição de cestas de Natal. (A, 02/12)

Ao comparar os dois dias de campo ressalta-se a forte presença de certos grupos, em ambas as situações. No dia do cortejo, nas esquinas, coletivos somavam-se ao movimento e, por meio de roupas, faixas, estandartes e músicas, revelavam sua relação com aquele território e seus interesses que, mesmo distintos, estavam, naquele momento, somados em um coro. Além desse movimento interno ao cortejo, conforme passava, observava-se também uma movimentação externa: as pessoas que saíam de suas casas, comércios, ou iam para portas e janelas, estabeleciam um diálogo e uma aproximação com o bloco que passava, ocupando, mesmo que de forma efêmera, aquele espaço. Nas proximidades com a Rua Treze de Maio, onde apareciam as cantinas, estabelecia-se uma movimentação distinta, marcada por um maior distanciamento. Ainda que as pessoas parassem para observar ou filmar o cortejo, elas não pareciam moradoras do bairro, mas sim clientes dos respectivos restaurantes. A ocupação do espaço, nesse caso, relacionava-se muito mais à sua inserção em um circuito gastronômico de São Paulo. (Magnani, 2002)

Mesmo sem um evento aglutinador programado - tal como o cortejo -, no segundo dia de campo foi possível observar movimentos e formas coletivas de ocupação daquele espaço. O fluxo de senhoras e senhores em direção ao centro espírita, assim como a organização do evento dos moradores da Rua Maria José, a concentração de músicos da Vai-Vai no bar ou o fluxo de crianças vindo das Obras Sociais desvendam um senso de comunidade estabelecido entre pessoas que, inseridas em um ou mais grupos, ocupam o bairro para se divertir e reproduzir seu cotidiano. Evidencia-se, nesse trecho, uma noção de pertencimento atrelada tanto a coletivos quanto ao território, levando a uma ocupação conjunta das calçadas e das ruas, impulsionada por eventos e festividades de grupos.

Trecho 3

No fim da Rua Conselheiro Carrão, inicia-se um dos trechos mais residenciais do bairro.

Dos quintais, garagens, janelas e terraços, parados no portão ou no muro em frente de casa, muitos olhavam o cortejo passar e dançavam junto às músicas, carregando seus filhos e cachorros para que pudessem ver também. Era curioso que, na distância, era possível ver condomínios verticalizados de alto padrão que cercavam aquele miolo de bairro mais baixo, residencial e diverso. (A, 26/11)

Percebi que nesse trecho o cortejo parou - ainda que mantendo o ritmo, som e dança - e virou-se às casas, de onde as pessoas assistiam, como se estivesse se apresentando àquelas pessoas. (G, 26/11)

No dia em que não havia cortejo, mesmo sem a movimentação impulsionada pelo evento, foi possível observar a ocupação das ruas por parte dos moradores. Próximo de onde um senhor estava no domingo anterior, “[...] um grupo de 4 homens com camisa do Gaviões da Fiel, escorados em um muro e em um carro, bebem e conversam na calçada”. (G, 02/12)

Mais adiante, próximo às obras do metrô,

[...] uma criança jogando bola sozinha e, mais à frente, um churrasco na calçada [...] Ao lado do churrasco, mas não participando dele, duas senhoras, uma mais velha e uma

mais jovem, estavam sentadas na calçada em cadeiras de plástico. [...] Perguntei se era essa estação que estava sendo construída onde ficava a quadra da Vai-Vai, e uma delas me disse que sim. Falaram que a quadra tinha 3 ou 4 entradas e que uma delas era logo ali no fim da rua, por isso, quando tinha evento lá, geralmente de domingo, a rua delas ficava cheia de carros. A mais jovem falou que estava preferindo assim, já que, com menos carros passando, era mais seguro para as crianças e para os bichos. [...] A mulher mais velha, um pouco em discordância com o que a mais nova havia dito, falou que sentia falta da Vai-Vai, que o movimento não atrapalhava muito, porque era só de domingo e que, quando tinha samba lá, elas desciam um pouco para aproveitar. Disse que a música era muito bonita e que o bom era quando eles ganhavam, porque a rua toda ficava em festa. Disse que tinha que deixar a casa trancada porque senão logo aparecia gente pedindo para usar o banheiro. [...] Perguntei por último sobre o churrasco e elas disseram que era casamento do vizinho, por isso a comemoração. Me despedi então e subi a rua no sentido oposto às obras. Na volta, a criança que antes jogava bola sozinha agora tinha um companheiro. Andei rápido para não atrapalhar o jogo deles. (A, 02/12)

Mais à frente, “no ‘Bar dos amigos’, som alto e conversa chamam atenção. As pessoas parecem se conhecer já que, mesmo não estando na mesma mesa, conversam coletivamente.” (G, 02/12)

Esse espaço é onde mais fortemente apareceu, ao longo do trajeto, a noção de pedaço. A rua, nesse caso, apresentou-se como extensão do espaço doméstico e as relações estabelecidas ali pareciam completamente mediadas pela pessoalidade. Os amigos se encontravam na calçada ou no bar, as mulheres na calçada conheciam as crianças que brincavam, os vizinhos que se casavam, e todos eles tinham a rua como lugar de encontro. As obras do metrô aparecem como um agente externo que altera as dinâmicas do local de forma independente à vontade dos moradores. Por um lado, como reforçado pela moradora, elas, temporariamente, intensificam a convivência mais imediata entre os moradores da rua, por diminuir o movimento de carros; por outro, encerram as relações mais ampliadas que eram mediadas pela presença da Vai-Vai que, ainda que se apresente como uma instituição que extrapola o alcance do bairro e de seus moradores, é um símbolo com o qual eles se identificam e se relacionam. Futuramente, com a abertura da estação, essas dinâmicas mudarão mais uma vez, também através de uma mudança no espaço construído. Esse processo de mudança do espaço associado à mudança de dinâmicas reforça o caráter temporal das categorias (Magnani, 2014).

O caráter de pedaço também influencia na forma como alguém de fora desse espaço interage com ele. O fato de o cortejo ter se voltado àqueles que observavam sua passagem de dentro das casas mostra como há um reconhecimento da relação de pertencimento que os moradores da rua estabelecem com aquele espaço.

A vinculação dos grupos presentes no cortejo - e conseqüentemente, em algum nível, dos moradores do bairro - com o espaço, é reforçada pelo que se observa na esquina entre as Ruas Una e Cardeal Leme. Ali,

[...] na placa da rua havia um adesivo escrito “Bacia do Rio Saracura” e no chão, ao pé da placa, um estêncil escrito “Aqui passa o Saracura”, um prato de comida e uma garrafa de Coca-Cola fechada com líquido transparente - que parecia cachaça - que provavelmente eram uma oferenda. (A, 26/11)

A passagem do rio ali é marcada, justamente, por manifestações humanas que não só indicam a presença do corpo d'água, mas mostram a vinculação afetiva, cultural e identitária que o bairro tem com ele. Esse vínculo com os rios ocultos também é expresso pelos próprios coletivos membros do cortejo: pelo pano azul do Teatro Oficina que simulava o movimento do rio Bexiga, pela existência do coletivo Salve Saracura ou pelo estandarte Sesc Saracura. A presença, ainda que oculta pela malha urbana, é evidenciada por manifestações artísticas e culturais.

Depois desse ponto, na Rua Rocha, observa-se uma mudança no cenário.

[...] os bares agora são mais chiques, com menos gente. Dois desses pelos quais passamos estavam completamente vazios, outro - em frente a um hospital estranho, que parece um motel - cheio de gente. Mesmo cheio de gente, o cenário é diferente dos bares que tínhamos visto até então. As pessoas não conversavam entre si, não pareciam se conhecer, e não tinha uma música alta ou som alto de conversas. Esse lugar parece ser uma área de transição - que vai marcar essa passagem do cenário anterior até o Sesc 14 bis. O cenário começa a mudar: ainda que muitas casas tenham porta para a rua e proximidade com a calçada, começam a aparecer também prédios maiorzinhos e livrarias chiques. (G, 02/12)

Aos poucos, as marcas dos coletivos e grupos locais que unem os moradores e a permanência na rua vão sendo substituídos por ruas mais vazias e por relações mais impessoais. As pessoas que frequentavam os bares da Rua Rocha, por exemplo, não pareciam ser da região e nem conhecer o dono do bar ou as pessoas da mesa ao lado. Parece que quanto mais próximo à Avenida 9 de julho - importante eixo de transporte - mais prédios e grades vão surgindo, e mais distante se dá a relação com a rua e com a vizinhança. A noção de pedaço vai desaparecendo.

Essa transição parece plenamente consumada quando se chega à Rua Doutor Plínio Barreto. No dia do cortejo, por exemplo, “o homem ao microfone solicita que os caminhantes fiquem na calçada à direita, pois não foi possível bloquear todas as faixas daquela via.” (A, 26/11) e notou-se que “a paisagem era diferente: com prédios altos e rua larga. As pessoas da janela já estavam bem mais distantes que aquelas nas janelas, portas e muretas de suas casas.” (G, 26/11).

No sábado, ressalta-se que, do lado oposto aos prédios,

[...] há uma área verde cercada, ao pé do viaduto, em que alguns moradores de rua são, em sua maioria, ignorados pelos passantes. Vi uma senhora com cachorro e uma jovem sentadas em bancos diferentes no térreo do mesmo prédio, sem interagirem. No portão de outro prédio, vi duas senhoras com sacolas de mercado conversando rapidamente. (A, 02/12)

Essas foram as poucas pessoas vistas paradas nessa rua, que se apresenta quase que de forma antagônica às ruas internas do Bixiga. Enquanto no miolo do bairro havia usos diversos, casas e proximidade com a rua, aqui há prédios altos, recuados e apartados da rua pelas grades; enquanto lá as pessoas pareciam se conhecer e estabelecer vínculos por frequentarem os mesmos espaços e pertencerem aos mesmos grupos, aqui, mesmo vivendo na mesma rua, as pessoas parecem distantes. Essa distância se dá tanto entre moradores do mesmo prédio - como o caso das duas mulheres sentadas - ou, de forma mais exacerbada, entre os moradores dos prédios e os moradores de rua. As diferenças são reforçadas, por último, pela impossibilidade de bloquear todas as faixas da via para a passagem do

cortejo, ou seja, nem com um evento programado e que quisesse, propositalmente, proporcionar uma ocupação diferente da costumeira, foi possível fazê-lo.

O viaduto, elemento que se repete aqui e no miolo do bairro, apresenta-se de forma completamente distinta. Enquanto no viaduto Júlio de Mesquita Filho a apropriação do espaço por parte da comunidade, incorporando-o ao bairro, proporcionou uma integração com o entorno, aqui o viaduto produz uma paisagem vazia e distante da vizinhança, sendo o espaço, no entanto, ocupado pelos moradores de rua.

O último ponto a ser abordado é o SESC. Como um novo equipamento cultural e social, observa-se, por parte da instituição, uma tentativa de se apresentar e aproximar do bairro. Esse movimento de aproximação - expresso na organização do cortejo - é repetido, no sábado seguinte, com a presença da velha guarda da Vai-Vai tocando nas escadarias do prédio. Busca-se, ao mesmo tempo, estabelecer um vínculo com aquele território, por meio de ações conjuntas aos coletivos e grupos daquela área, e atingir um público que extrapole a comunidade do bairro - objetivo compatível com sua localização em uma região mais adensada e próxima ao transporte público de massa. Mesmo diante da tentativa de ocupar as calçadas, proposta nos eventos conjuntos com coletivos, as características que marcam o entorno do Sesc dificultam essa apropriação. Tanto o distanciamento dos prédios e do viaduto, quanto o próprio caráter institucional e formal do Sesc formam barreiras à ocupação do espaço de maneira comunitária e ao uso da rua enquanto lugar do encontro e da festa.

Conclusão

A partir das observações dos cenários, atores e regras dos diferentes espaços ao longo do trajeto, foi possível observar a relação dialética que o espaço estabelece com as relações sociais. Há, por certo, o reconhecimento de um padrão entre parâmetros edilícios e urbanísticos e o nível de pessoalidade das relações: espaços mais próximos à rua produzem relações pessoais e espaços mais afastados, relações impessoais. Entretanto, não se pode ignorar que essas relações também constroem espaços distintos através das distintas formas de apropriação, o que fica mais evidente, por exemplo, no caso comparativo dos viadutos, em que a existência de coletivos organizados e a relação mais próxima à rua proporcionam uma ocupação mais próxima se comparado ao viaduto da 9 de Julho.

Tendo em vista essas observações, é possível estabelecer uma relação de distribuição desses espaços afastados/impessoais e próximos/pessoais pelo percurso do cortejo. Os espaços afastados/impessoais parecem estar nas bordas do bairro - próximo a maiores eixos e infraestruturas de transporte - enquanto o miolo do bairro, menos apartado da rua, e com menor densidade construtiva, é marcado por relações mais pessoais. É importante ressaltar, contudo, que essa relação não é totalizante e que os usos e apropriações do espaço são influenciados por outros fatores; por exemplo, as cantinas italianas, por se inserirem num circuito gastronômico ampliado, promovem relações impessoais e que envolvem pessoas externas à comunidade do bairro, bem como nos bares e sebos da Rua Rocha, em que se destacam relações semelhantes.

Referências

MAGNANI, J.G.C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. julho 2002, p. 11-29, 2002

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MAGNANI, J.G.C. [et al.]. **Etnografias urbanas**: quando o campo é a cidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

MAGNANI, J.G.C. **O Circuito**: proposta de delimitação da categoria. *Ponto.Urbe*, 15, 2014.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 19 mai. 2024.

SÃO PAULO. Lei N° 16.050 de 31 de julho de 2014. **Plano Diretor Estratégico de São Paulo**. São Paulo: Editora do Município, 2014.

Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16050-de-31-de-julho-de-2014>. Acesso em: 20/05/2024